

Coro Gulbenkian

Os dias mais longos
e os mais curtos

Eugene Birman



GULBENKIAN
MÚSICA

14 set 22

14 set 22 QUARTA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Coro Gulbenkian

Jorge Matta Maestro

Cecília Rodrigues Soprano

David Hackston Contratenor

Raúl da Costa Piano

Djaimilia Pereira de Almeida Texto

Giorgio Biancorosso Dramaturgia

Inês Tavares Lopes Maestra assistente

João Hora Direção técnica

Eugene Birman

Os dias mais longos e os mais curtos

Encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian

– Estreia absoluta

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h
CONCERTO SEM INTERVALO

Eugene Birman

Daugavpils, Letônia, 27 de outubro de 1987

Os dias mais longos e os mais curtos

COMPOSIÇÃO 2021 – 2022

1. (*Etéreo*)
2. (*Sereníssimo e piu mosso*)
3. (*Luminescente*)

“Qual foi o dia em que a arte, e nós que a produzimos, se tornou tão inessencial? Talvez todos nós tenhamos vindo a atravessar esse mundo, com os nossos ouvidos e os nossos olhos alheados de uma realidade que, de uma maneira ou de outra, esteve sempre presente; talvez, ao longo dos últimos dois anos, algo se tenha fechado, deixado de ser uma suspeita para se tornar uma verdade. Sem arte, sem música, sem beleza, até sem fé, mas com mantimentos, álcool e Netflix, redefinimos a nossa cada vez menos poética existência na Terra. Mas talvez nós – nós, os artistas – também o tenhamos feito? Qual foi o dia em que a arte, e nós que a produzimos, foi tão essencial como o ar para os nossos frágeis pulmões ou a água para as nossas bocas ressequidas? Depois de tantas atuações em palcos cheios para plateias vazias, talvez desta vez a sala cheia deva conhecer a experiência de um palco vazio.”

EUGENE BIRMAN, LUXEMBURGO, 16 DEZ 2021

Ao longo de um período social e culturalmente frágil, Eugene Birman compôs para a Fundação Gulbenkian uma obra para coro, piano e eletrônica ao vivo na qual regressa a um tema que já lhe era caro: “Nós e aquilo que fazemos continuaremos a ser essenciais

para a sociedade? Nos períodos de confinamento, a experiência da cultura ao vivo foi tratada – de forma certa ou errada – como uma atividade não essencial”. Assim, Birman coloca em análise a “essencialidade” da arte e da *performance* nos nossos dias: “A humanidade não confiou na arte, na cultura e na *performance* como valores pelos quais vale a pena viver? Não nos voltamos para a música em momentos de desespero?”. O projeto também aborda a narrativa de o digital e o *streaming* poderem alguma vez substituir a experiência ao vivo: “Deslocamo-nos aos concertos não só pelo som, mas também pela experiência comunitária do som.” A obra procede em três fases ligadas: (1) um coro virtual surge no palco, parecendo e soando inteiramente real. Atua em duo com outro conjunto coral fora de palco e cujo som é transmitido em *streaming* para o auditório; (2) em seguida, a imagem do coro virtual é extinta e os solistas entre o público, assemelhando-se a uma manta de retalhos de distanciamento social, dão continuidade ao duo; (3) finalmente, um ritual permite aos músicos retomar o seu lugar natural e atuar para os seus duplos holográficos que representam aquilo em que os artistas tiveram de se tornar em 2020. “O objetivo é catártico, mas também permite lançar um olhar crítico às nossas prioridades na sociedade contemporânea, à nossa vontade de desviar o olhar à medida que a cultura e os jovens que para ela contribuem desanimam e partem para outros domínios por razões financeiras, e à crença de que a tecnologia pode resolver todas as coisas. Assim, há uma importante transição, de um som surreal/virtual para um som inteiramente acústico e real.”

MIGUEL MARTINS RIBEIRO

CITAÇÕES DO PROJETO DE COMPOSIÇÃO
E DA PARTITURA DE EUGENE BIRMAN

Eugene Birman

Compositor de música de “grande drama” e “intensa emoção” (BBC), ao mesmo tempo “engenhosa, hipnótica, corajosa e bela” (Festival Internazionale A. F. Lavagnino), Eugene Birman escreveu obras para orquestra (Berliner Philharmoniker, London Philharmonic, Minnesota Orchestra, Philharmonia Orchestra, Orquestra Gulbenkian), para coro (Theatre of Voices, BBC Singers, Coro da Rádio da Letónia) e para grupos e solistas como Maxim Vengerov ou Maurizio Ben Omar. As suas obras têm sido estreadas em prestigiosos palcos como o Southbank Centre de Londres ou o Carnegie Hall de Nova Iorque. A sua carreira é caracterizada por composições grandiosas e pela abordagem destemida de temáticas socialmente relevantes. Os parceiros do trabalho de Birman incluem importantes organismos internacionais como a União Europeia, o Ministério dos Negócios Estrangeiros da Áustria ou a Hong Kong SAR. Recebeu bolsas de estudo da John Simon Guggenheim Foundation (2018) e do Programa Fulbright do Departamento de Estado dos EUA (2010-11). Birman recebeu o Prémio de Composição da Royal Philharmonic Society (2017) que lhe permitiu permanecer uma temporada como compositor em residência no Southbank Centre e estrear a sua música com a Philharmonia Orchestra no Royal Festival Hall. Em 2018 foi compositor residente no Festival de Helsínquia, o maior evento anual da Finlândia. Doutorada pela Universidade de Oxford, Birman graduou-se também em estudos superiores pela Universidade de Columbia, pela Juilliard School e pela Accademia Musicale Chigiana.

Djaimilia Pereira de Almeida

Djaimilia Pereira de Almeida é escritora. Escreveu, entre outros livros, *Esse cabelo*, *Luanda, Lisboa, Paraíso* e *Três Histórias de Esquecimento*. Os seus livros estão publicados em Portugal, no Brasil, nos EUA, em Itália,

na Argentina, nos países de língua alemã, na China e, em breve, em árabe, catalão, dinamarquês e eslovaco. Recebeu o Prémio Oceanos 2019 e 2020, o Prémio Fundação Inês de Castro 2018 e o Prémio Fundação Eça de Queiroz 2019. Doutorou-se em Teoria da Literatura na Universidade de Lisboa. Nasceu em Luanda e cresceu nos subúrbios de Lisboa. Escreveu nas publicações *Neue Zürcher Zeitung*, *Revista Serrote*, *Ler, Pessoa, Common Knowledge*, *ZUM*, *Contemporânea*, *Expresso*, *Observador*, *Marie Claire Brasil* e *Folha de São Paulo*, entre outras. Na primavera de 2022, foi a escritora residente da Literaturhaus Zürich.

Giorgio Biancorosso

O trabalho de Giorgio Biancorosso explora as fronteiras da música e do som no teatro, no cinema e nos meios digitais. É autor da monografia *Situated Listening: The Sound of Absorption in Classical Cinema* (Oxford University Press, 2016) e cofundador e editor do jornal multimédia SSS. Encontra-se atualmente em fase de conclusão, pela Duke University Press, a sua monografia *Remixing Wong Kar-Wai: Music-Bricolage-Representation*. É professor de música e diretor da “Society of Fellows in the Humanities”, na Universidade de Hong Kong. É o diretor do Hong Kong New Music Ensemble e membro do Comité de Programação do Festival das Artes de Hong Kong.

Cecília Rodrigues

Cecília Rodrigues foi premiada em vários concursos, com destaque para o 1.º Prémio no Concurso Internacional de Almada (2015) e o para o 1.º Prémio de Canto no Prémio Jovens Músicos - Antena 2 (2017). No domínio da oratória, foi solista em várias obras, incluindo *Stabat Mater* de Pergolesi, *Magnificat* de J. S. Bach, *Mattutino de' Morti* de David Perez, *Exultate Jubilate* e Missa em Dó menor de Mozart, Missa em Lá e Missa em Si bemol de Francisco Sá Noronha, *Oratória*

de Natal de Saint-Saëns, *Requiem* de Fauré, *Um Requiem Alemão* de Brahms, *Requiem* de Mansurian e *Magnificat* em *Talha Dourada* de Eurico Carrapatoso. Apresentou-se em recitais, com o maestro João Paulo Santos, no Palácio da Pena, na Fundação Gulbenkian e no Teatro Nacional de São Carlos. Em concerto sinfónico, estreou *Linhagem* de Eurico Carrapatoso. Nos palcos de ópera, interpretou: Rosina, em *O barbeiro de Sevilha* de Rossini, na Escola Superior de Música de Lisboa (2018); Euridice, em *Orphée aux Enfers* de Offenbach, em Maputo (2019); Stéphanos, em *Romeu e Julieta* de Gounod, sob a direção de Lorenzo Viotti (2019); 2.ª Pastora, 1.ª Bruxa, 2.ª Mulher e 2.ª Nereida, em *Dido e Eneias* de Purcell (2020), na Fundação Gulbenkian. Recentemente, interpretou também o papel de Moço de cozinha, em *Rusalka* de Dvořák, no Teatro Nacional de São Carlos, sob a direção de Graeme Jenkins (2021).

David Hackston

O contratenor britânico-finlandês David Hackston começou a estudar música em Bradford-on-Avon, Inglaterra. Até 2016 estudou música antiga, canto barroco e práticas de performance na Universidade Metropoli de Helsínquia como aluno da soprano Tuuli Lindeberg e do contratenor Teppo Lampela. Entre 2018 e 2021, frequentou o Mestrado do Curso de Música Antiga da ESMAE, sob a orientação de Magna Ferreira. Apresenta-se regularmente como solista de oratória, destacando-se as interpretações recentes do *Messias* de Händel, da *Paixão segundo São João* de J. S. Bach e de *San Giovanni Battista* de Stradella. Interpretou também o papel de Didymus, em *Theodora* de Händel, o de Ottone, em *L'incoronazione di Poppea* de Monteverdi, e participou ainda em várias récitas de *Dido e Eneias* de Purcell. Interessa-se pela música renascentista portuguesa e tem feito transcrições de várias fontes anónimas. David Hackston

é um assíduo intérprete de música contemporânea, colaborando regularmente com o Helsinki Chamber Choir. Cantou a parte de contratenor de *Écho!*, de Kaija Saariaho, e interpretou várias vezes a obra *Eight Songs for a Mad King* de Peter Maxwell Davies. Outros papéis operáticos incluem: o K, na estreia de *Flash Flash* de Juhani Nuorvala; o papel de Reader 1 (escrito na língua cantonesa), na estreia de *minn[i]e* de Tze Yeung Ho; e a ópera *Clemency*, de James MacMillan, sob a direção do compositor, na Estónia.

Raúl da Costa

Pianista premiado em vários concursos nacionais e internacionais, Raúl da Costa é presença recorrente nas salas portuguesas mais emblemáticas, destacando-se também o sucesso obtido em festivais de música e em muitos palcos da Europa, dos EUA e da Ásia. Atualmente, estuda na Hochschule für Musik Hanns Eisler, com Kirill Gerstein, tendo tido também a oportunidade de trabalhar com Dmitri Bashkirov, Ferenc Rados, Galina Eguiazarova, Tatiana Zelikman, Thomas Adès, Boris Berezovsky e Maria João Pires. Foi bolseiro da Yamaha Musical Foundation of Europe, da Yehudi Menuhin Live Music Now Foundation e da Fundação Calouste Gulbenkian. Com um vasto repertório, que se estende de Bach a Zimmerman, a música de câmara sempre ocupou um lugar importante na sua carreira, nomeadamente as colaborações com Christoph Poppen, Juliane Banse, Bruno Monsaingeon, Valeriy Sokolov e Matvey Demin. Apresentou, em estreia absoluta, obras de Luiz Costa, Fernando Lopes-Graça, Eduardo Patriarca e Amílcar Vasques-Dias. A sua discografia inclui o Concerto para Piano n.º 4 de Rachmaninov, com a Orquestra Sinfónica do Porto – Casa da Música, sob a direção de Stephan Blunier. As suas gravações ao vivo foram difundidas em diversas rádios europeias. Desde 2018, é o Diretor Artístico do Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim.

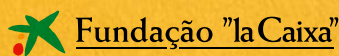
Jorge Matta

Maestro Adjunto do Coro Gulbenkian, Jorge Matta é doutorado em Musicologia Histórica pela Universidade Nova de Lisboa. Investigador, editor e intérprete, tem-se destacado pela recuperação e divulgação do património musical português, incluindo estreias absolutas e primeiras audições modernas de mais de 300 obras. A sua discografia é dedicada também à música portuguesa. O CD “Música Portuguesa do Séc. XVIII” foi distinguido com o prémio *Discobole* da Academia Francesa do Disco. Como autor e intérprete, gravou para a televisão as séries de programas “Música de Corte no Palácio da Ajuda” (1986), “Tempos da Música” (1988) e “Percurso da Música Portuguesa” (2008). Participou em importantes festivais de música em Portugal, na Europa, em Israel, na China e nos EUA. Foi Diretor do Teatro Nacional de São Carlos e Presidente da Comissão de Acompanhamento das Orquestras Regionais.

Coro Gulbenkian

O Coro Gulbenkian foi fundado em 1964 e conta atualmente com cerca de 100 cantores. Atua em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos e também *a cappella*. Para além dos concertos na Fundação Gulbenkian e das digressões em Portugal, atuou em numerosos países em todo o mundo. Estreou inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros e é convidado regularmente para colaborar com prestigiadas orquestras mundiais. Gravou um repertório diversificado para várias editoras discográficas, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XXI. Algumas destas gravações receberam importantes prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. As funções de Maestro Adjunto e de Maestra Assistente são atualmente desempenhadas por Jorge Matta e Inês Tavares Lopes.

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN
PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA
PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO DE PIANO



MECENAS
ORQUESTRA GULBENKIAN



GULBENKIAN.PT

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa é impresso em papel reciclado e certificado pela Fedrigoni.